

**Centro de Ensino Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras**

**SUJEITO – INCOERÊNCIAS E CONTRADIÇÕES DA GRAMÁTICA
TRADICIONAL**

**Renata Ribeiro Gomes
Brasília, novembro de 2005.**

Universitário de Brasília
Faculdade de Ciências da Educação – FACE
Curso de Letras

**SUJEITO – INCOERÊNCIAS E CONTRADIÇÕES DA GRAMÁTICA
TRADICIONAL**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras pela Faculdade de
Ciências da Educação do Centro
Universitário de Brasília – UniCEUB,
tendo Professor-Orientador Maria
Catharina Pires de Melo.**

Brasília, novembro de 2005.

Ao meu querido Deus e ao meu
dileto noivo Alaôr Júnior

Agradeço a Deus por conduzir-me ao final deste longo trabalho de pesquisa. Dentre as pessoas que deram sua contribuição a feitura deste trabalho acadêmico, algumas merecem citação: professora Maria Catharina Pires de Melo, a grande amiga do curso de Letras Jaqueline Alvarenga e em especial ao meu querido noivo Alaôr Júnior que sempre esteve ao meu lado.

RESUMO

Este trabalho acadêmico tem por objetivo investigar algumas incoerências e contradições dentro da sintaxe, em especial, as definições gramaticais de sujeito e predicado na língua portuguesa. Para isso analisou-se algumas gramáticas observando a aplicabilidade das definições dadas ao sujeito e ao predicado, exemplificando-os. De forma que foi possível notar falhas nestas definições entre os gramáticos. Para desenvolver o tema, além de pesquisa bibliográfica, também foi realizado um estudo de caso com alunos da 7.^a série do ensino fundamental e 2.^a do ensino médio de escola particular do Distrito Federal. A finalidade deste estudo de caso foi apreender a totalidade de uma situação e desenvolver a complexidade de um caso. Através de um mergulho profundo e exaustivo, em um objeto delimitado de caso possibilitando a análise da realidade social. Comprovou-se que os alunos não são guiados pelas definições gramaticais e sim por treinos gramaticais que fazem durante a vida escolar. E confirmou-se que há a necessidade de uma reavaliação nas gramáticas da língua portuguesa. Os alunos tanto do ensino fundamental como do ensino médio encontraram muitas dificuldades em aplicar as definições de sujeito durante a pesquisa de campo. Foi possível afirmar, por meio desta pesquisa, que os alunos não recordavam todas as terminologias da classificação do sujeito, principalmente, o sujeito agente que está presente quando há voz passiva. Observou-se também que houve pouco conhecimento gramatical acrescido aos alunos da 2.^a série do ensino médio em relação aos alunos da 7.^a série do ensino fundamental quanto ao sujeito.

Palavras-chave: análise sintática, sujeito, ensino.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1 - Abordagem teórica de alguns gramáticos a cerca de sujeito e predicado.....	9
Capítulo 2 - Identificando incoerências e contradições nas definições do sujeito.....	23
Capítulo 3 - Analisando a aplicabilidade das definições de sujeito em sentenças da língua portuguesa.....	32
Considerações finais.....	45
Referências bibliográficas.....	47

INTRODUÇÃO

O presente trabalho, é o resultado da observação crítica desenvolvida no decorrer de alguns semestres, do curso de Letras e fruto de extensivo manuseio de compêndios gramaticais diversos. É, também, uma tentativa de colaboração para uma revisão crítica das gramáticas vigentes. O que se vai propor não são novas definições, mas um enfoque coerente, objetivo e uniforme que passa obrigatoriamente pela tradicional definição dos fatos gramaticais.

A partir de alguns estudos de sintaxe e discussão de contradições, omissões e incoerências na análise dos fatos sintáticos gramaticais do português, pretende-se demonstrar, com exemplificações, o estado delicado em que se encontram algumas regras da sintaxe da língua portuguesa, em especial, no capítulo do estudo do sujeito.

Nessa demonstração desenvolveram-se a argumentação e a comparação sempre que se constatou alguma falha nos manuais gramaticais: as falsas definições, a má exemplificação e a diversidade de análises.

A má exemplificação não indica só exemplos errados, mas também explicações confusas e contradições dos autores. A diversidade de análises foi documentada nas divergências entre os autores das gramáticas.

O método utilizado foi o comparativo fazendo um confronto entre algumas das gramáticas mais usadas e recomendadas no país. Muitos são os autores que têm revelado inúmeras falhas, entretanto, as gramáticas, adotadas nas escolas e relacionadas nas bibliografias de concursos, continuam ainda pautadas na repetição de mestres do passado, amparadas pelo enganoso e não menos desacreditado “Rigorosamente de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB)”, as

terminologias gramaticais deixam muito a desejar e necessitam de uma revisão da NGB.

CAPÍTULO 1

Abordagem teórica de alguns gramáticos a cerca de sujeito e predicado.

Ao analisar alguns gramáticos, é possível observar que existem incoerências em relação ao uso das definições de sujeito e predicado. Os alunos do ensino fundamental e médio encontram grandes dificuldades para aplicar as definições nos exercícios didáticos e em seu cotidiano, pois algumas explicações são complexas e apresentam exceções. Aquelas definições que parecem estar claras na gramática estão muitas vezes confusas para os alunos. Gramáticos como: Sacconi, Luft, Faraco e Moura, Cunha, Rocha Lima e Cegalla foram estudados para que conhecendo as definições de cada um, possa-se questionar a aplicabilidade dessas definições.

Para Luiz Antônio Sacconi em *Nossa Gramática - teoria e prática* (1999):

- Sujeito é o ser ou aquilo a que se atribui a idéia contida no predicado. O sujeito é o termo representado por substantivo ou expressão substantiva, ao qual, no sintagma oracional, se atribui um predicado. Para se encontrar o sujeito de uma oração, nos casos gerais e mais comuns, faz-se a pergunta o que? antes do verbo.
- Núcleo do sujeito - no sujeito podem aparecer certas palavras ou expressões secundárias, que não são fundamentais ao entendimento da frase. Geralmente são artigos, adjetivos, numerais, pronomes possessivos, etc.

Sacconi ressalta que a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) considera apenas três tipos de sujeito, são eles:

- Simples que há somente um núcleo; (p.333)

(1) As estrelas brilham no firmamento.

(2) Nós estamos muito felizes.

- Composto quando há dois ou mais núcleos; (p.334)

(3) A casa de Juçara e o armazém sofreram reforma geral.

• Indeterminado quando a identidade do sujeito é desconhecida realmente ou escondida propositadamente. Ignora-se não só a identidade, mas também o número de agentes; (p. 334)

(4) Roubaram minha carteira.

(5) Precisa-se de empregados.

• Há também as orações sem sujeito que são as que trazem verbo impessoal; Verbo impessoal é o que não tem sujeito e se apresenta na terceira pessoa do singular. (p. 335)

(6) Havia poucos ingressos à venda. (Havia = Existiam.)

(7) Estava frio naquele dia.

(8) Fiz quinze anos ontem. (sujeito desinencial = eu)

• Sujeito oracional é aquele representado por uma oração, esse tipo de sujeito ocorre quando o verbo é unipessoal; Verbo unipessoal é o que, tendo sujeito, só se usa nas terceiras pessoas, do singular e plural. (p. 337-8)

(9) Cumpre trabalharmos bastante. (Sujeito: trabalharmos bastante)

(10) Parece que vai chover. (Sujeito: que vai chover)

Há ainda o sujeito representado por pronome oblíquo;

(11) Deixe-o sair. (o: sujeito de sair)

E o sujeito paciente.

(12) Muita gente é assaltada diariamente em São Paulo.

- Predicado diz ser “tudo aquilo que se atribui ao sujeito. Encontrado o sujeito encontra-se automaticamente o predicado”. Todo predicado traz também um termo-chave, ou seja, um termo que contém uma declaração maior sobre o sujeito. Sendo este termo o núcleo do predicado.

- Os tipos de predicado são:

Verbal, o núcleo é o verbo ou expressão de valor verbal; (p. 341-3)

(13) A casa de Juçara sofreu reforma geral.

Nominal, o núcleo é um nome ou expressão de valor nominal;

(14) Marisa continua sem fala.

Verbo-nominal o núcleo é o verbo (ou expressão de valor verbal) e nome ao mesmo tempo.

(15) As crianças chegaram cansadas.

Rocha Lima em sua *Gramática Normativa da língua portuguesa* (2000) diz: Sujeito e predicado são termos básicos da oração. Sujeito é “o ser de quem se diz algo” e predicado é “aquilo que se diz do sujeito”.

- O sujeito é expreso por substantivo, ou equivalente de substantivo. Às vezes, um substantivo sozinho exprime o sujeito da oração. Casos há no entanto, em que sentimos necessidade de precisar ou restringir a significação do substantivo. Diz-se então que o substantivo é o núcleo do sujeito. (p. 235)

- Sujeito simples é quando apresenta um só núcleo ;
- Sujeito composto quando há mais de um núcleo.

(16) A cegueira lhe torturava os últimos dias de vida. Sujeito simples

(17) A cegueira e a pobreza lhe torturavam os últimos dias de vida. Sujeito composto.

O sujeito ainda pode ser determinado, ou indeterminado. (p.235)

- É determinado, se identificável na oração explícita ou implicitamente;
- Indeterminado, se não pudermos ou não quisermos especificá-lo;

(18) Falam mal daquela moça.

(19) Precisa-se de professores.

• Oração sem sujeito pode dar-se o caso de a oração ser destituída de sujeito: com ela, referimo-nos ao processo verbal em si mesmo, sem o atribuirmos a nenhum ser. Nem há o propósito de esconder o sujeito, atitude psicológica orientadora das construções indeterminadas.

São orações sem sujeito as que denotam fenômenos da natureza e as que têm os verbos haver, fazer, ser, empregados impessoalmente em construções. (p.236)

(20) Há grandes poetas no Brasil.

(21) Seriam talvez duas horas da tarde.

• O predicado pode ser nominal tem por núcleo um nome (substantivo, adjetivo ou pronome). (p.238)

(22) Pedro é doente.

• O predicado verbal, que exprime um fato, um acontecimento, ou uma ação, tem por núcleo um verbo, acompanhado, ou não, de outros elementos;

(23) Todos fugiram.

- Predicado verbo-nominal ou misto este tem dois núcleos: um, expresso por um verbo, intransitivo ou transitivo, outro, indicado por um nome, chamado, também predicativo.

A razão é que o predicado misto representa a fusão de um predicado verbal com um predicado nominal. Exprimindo um fato, encerra a definição de um ser. (p.239)

(24) O trem chegou atrasado.

Celso Cunha e Lindley Cintra em *Nova Gramática do português contemporâneo* (1985), também defendem a idéia de termos essenciais da oração. Sendo o sujeito “o ser sobre o qual se faz uma declaração” e o predicado “tudo aquilo que se diz do sujeito”.

- Sujeito simples quando o sujeito tem um só núcleo, isto é, quando o verbo se refere a uma palavra substantivada, ou a uma só oração substantiva;

- Sujeito composto quando o sujeito tem mais de um núcleo, quando o verbo se refere a mais de um substantivo, ou mais de um pronome, ou mais de um numeral, ou a mais de uma palavra substantivada ou ainda, a mais de uma oração substantiva; (p. 123-4)

(25) As vozes e os passos aproximam-se.

(26) Era melhor esquecer o nó e pensar numa cama igual à de seu Tomás da bolandeira.

- Sujeito oculto (determinado) é aquele que não está materialmente expresso na oração, mas pode ser identificado pela desinência verbal ou pela presença do sujeito em outra oração do mesmo período ou de período contíguo; (p.124)

(27) Ficamos um bocado sem falar.

- Sujeito indeterminado, quando o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento; (p.125)

(28) Comia-se com a boca, com os olhos, com o nariz.

- Oração sem sujeito, neste caso o verbo é impessoal, é o sujeito, inexistente; (p.126)

(29) Anoitecia e tinham acabado de jantar.

Nota-se a inexistência do sujeito com verbos ou expressões que denotam fenômenos da natureza, com o verbo haver na concepção de existir, com os verbos haver, fazer e ir, quando indicam tempo decorrido e com verbo ser, na indicação do tempo em geral.

- Da atitude do sujeito com verbos de ação – quando o verbo exprime uma ação, atitude do sujeito com referência ao processo verbal pode ser de atividade, de passividade, ou de atividade e passividade ao mesmo tempo. (p.128)

(30) Maria levantou-se.

- Da atitude do sujeito com verbos de estado – quando o verbo evoca um estado, atitude da pessoa ou da coisa que dele participa é de neutralidade. O sujeito, no caso, não é o agente nem o paciente, mas a sede do processo verbal, o lugar onde ele se desenvolve. (p.129)

(31) Antônio permanece doente.

- Predicado nominal é formado por um verbo de ligação mais predicativo. (p. 129)

(32) Eu sou a tua sombra.

- Predicado verbal tem como núcleo, isto é, como elemento principal da declaração que se faz do sujeito, um verbo significativo.

Verbos significativos são aqueles que trazem uma idéia nova ao sujeito. Podem ser intransitivos e transitivos. (p.132)

(33) Vou ver o doente.

- Predicado verbo-nominal é um predicado misto que possui dois núcleos significativos (um verbo e um predicativo).

No predicado verbo-nominal o predicativo anexo ao sujeito pode vir antecedido de preposição, ou do conectivo. (p.133)

(34) Paulo riu despreocupado.

Celso Pedro Luft em sua *Gramática Resumida* Explicações da Nomenclatura Gramatical Brasileira (1989), argumenta que o mais importante na oração é o predicado, pois há oração sem sujeito (com verbos impessoais), mas não há oração sem predicado.

- Sujeito simples é aquele que só um núcleo, considera-se também simples o sujeito constituído de vários substantivos sinônimos que coordenados, deixam o verbo no singular; (p.129)

(35) O vento assobia lá fora.

- Sujeito composto quando tem mais de um núcleo, o que se reflete na concordância verbal; (p.130)

(36) Ela e eu saímos.

- Sujeito indeterminado aquele que implica um agente humano (singular ou plural) que não se enuncia, por não querer, por ignorar-se quem seja ou por não ser necessário; (p.130)

(37) Andam dizendo por aí que...Falar é fácil.

- Sujeito inexistente, na oração sem sujeito não há agente a que se possa atribuir o processo verbal, o predicado; (p.130)

(38) Trovejou a noite inteira.

- O predicado “é aquilo que se diz do sujeito” e na oração sem sujeito (impessoal), o predicado “é a enunciação pura de um fato qualquer”.

- Predicado nominal aquele que tem como núcleo, como elemento significativo, um nome ou pronome. Neste tipo de predicado, o verbo faz de conectivo, e é por isso chamado de “verbo de ligação”. (p.131)

(39) A terra é redonda.

(40) Quem é ele?

- Predicado verbal este tem por núcleo um verbo ou locução verbal. (p.131)

(41) Está ventando lá fora.

(42) Reclamaram todos.

- Predicado verbo-nominal é o predicado complexo, misto com um núcleo ao mesmo tempo, verbal e nominal. (p.131)

(43) O dia amanheceu chuvoso.

(44) O trem partiu atrasado.

Em Faraco e Moura *Gramática* (1999) de acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), há três tipos de termos que podem ocorrer numa oração: termos essenciais, termos integrantes e termos acessórios.

Termos essenciais da oração são aqueles que sustentam a mensagem transmitida por meio de uma oração. São eles: sujeito e predicado.

- Sujeito é o termo sobre o qual se declara algo. O verbo da oração sempre concorda com o sujeito em pessoa e número.

Quando o sujeito é formado por mais de uma palavra, deve-se localizar o núcleo do sujeito.

- Núcleo do sujeito é a palavra central do sujeito, isto é, a palavra com a qual concordam as demais palavras existentes no sujeito.

A declaração que se faz a respeito do sujeito vem expressa no predicado. No predicado existe sempre um verbo. Esse verbo concorda com o sujeito em pessoa e número.

Classificação do sujeito:

- Determinado – é o sujeito que pode ser identificado pela terminação do verbo ou pelo contexto em que aparece. O sujeito determinado pode ser:

- Simples – aquele que tem um só núcleo. (p.437)

(45) A mulher grega era uma cidadã de segunda classe.

composto – aquele que tem mais de um núcleo.

(46) A limpeza e o polimento das argolas são demorados. (p.437)

Há casos em que o sujeito determinado não está expresso na oração, mas pode ser facilmente identificado pela terminação do verbo. Esse tipo de sujeito é chamado de sujeito oculto, elíptico ou desinencial.

A NGB não registra nenhum dos três nomes desse tipo de sujeito, preferindo classificá-lo apenas como sujeito simples.

- Indeterminado é o sujeito que não pode ser identificado nem pelo contexto nem pela terminação do verbo. (p.437)

(47) Trata-se de uma exposição inovadora.

- Sujeito inexistente – há casos de orações em português que são formadas apenas por predicados. Por isso, não têm sujeito. Neste caso o verbo é impessoal e, em geral, aparece na terceira pessoa do singular. (p. 438)

(48) Ele trabalha no museu há 47 anos.

(49) Eram quatro horas da manhã.

- O predicado de uma oração pode ter um núcleo (um nome ou um verbo) ou dois núcleos (um nome e um verbo). Sendo assim se classificam em: nominal, verbal e verbo-nominal.

- Predicado nominal aquele que tem como núcleo um nome que indica estado ou qualidade do sujeito. É formado sempre por um verbo de ligação e um predicativo do sujeito. (p.445)

(50) Os diplomatas continuam reféns dos guerrilheiros.

(51) A autoria da obra é polêmica.

- Predicado verbal tem como núcleo um verbo que, geralmente, expressa idéia de ação. É formado por um verbo intransitivo ou por um verbo transitivo e seus objetos. (p.446)

(52) Os deputados discutem animadamente.

(53) Conferência discute educação ambiental.

- Predicado verbo-nominal tem dois núcleos: um verbo que indica ação e um nome que indica uma qualidade ou estado do sujeito ou do objeto. (p.446)

(54) Os turistas caminham nervosos pelo calçadão da praia.

(55) Os alunos liam o texto atentos.

Domingos Paschoal Cegalla em sua obra *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, (1996) define sujeito como o ser do qual se diz alguma coisa e predicado como aquilo que se declara do sujeito, ou seja o termo que contém a declaração, referida, em geral, ao sujeito.

- O sujeito é constituído por um substantivo ou pronome, ou por uma palavra ou expressão substantivada. (p.295)

(56) O sino era grande.

(57) Vossa Excelência agiu com imparcialidade.

- O núcleo do sujeito (isto é, a palavra base) é, pois, um substantivo ou pronome. Em torno do núcleo podem aparecer palavras secundárias (artigos, adjetivos, locuções adjetivas, etc.)

(58) “Todos os ligeiros rumores da mata tinham uma voz para a selvagem filha do sertão.” (José de Alencar)

O sujeito pode ser: (p.295)

- Simples – quando tem um só núcleo:

(59) As rosas têm espinhos.

(60) “Um bando de galinhas-d’angola atravessa a rua em fila indiana.”

(Antônio Olavo Pereira)

- Composto – quando tem mais de um núcleo. (p.295)

(61) O burro e o cavalo nadavam ao lado da canoa.” (Herberto Sales)

- Expresso – quando está explícito, enunciado. (p.296)

(62) Eu viajarei amanhã.

- Oculto (ou elíptico) – quando está implícito, isto é, quando não está expresso mas se deduz do contexto. (p.296)

(63) Viajarei amanhã. (sujeito oculto: eu)

- Agente – se faz a ação expressa pelo verbo da voz ativa. (p.296)

(64) O Nilo fertiliza o Egito.

(65) Um soldado saltou para a calçada e aproximou-se (Érico Veríssimo)

- Paciente – quando sofre ou recebe os efeitos da ação expressa pelo verbo passivo. (p. 296)

(66) O criminoso é atormentado pelo remorso.

- Agente e paciente – quando o sujeito faz a ação expressa por um verbo reflexivo ele mesmo sofre ou recebe os efeitos dessa ação. (p.296)

(67) O operário feriu-se durante o trabalho.

(68) Regina trancou-se no quarto.

- Indeterminado – quando não se indica o agente de ação verbal. (p.296)

(69) Atropelaram uma senhora na esquina.

[Quem atropelou a senhora? Não se diz, não se sabe quem a atropelou.]

- Oração sem sujeito – constitui a enunciação pura e absoluta de um fato, através do predicado; o conteúdo verbal não é atribuído a nenhum ser – são construídas com os verbos impessoais, na 3ª pessoa do singular. (p.297-8)

(70) Há plantas venenosas.

(71) Era no mês de Maio.

(72) Ventou muito durante à noite.

(73) Fazia dias que o balão não aparecia na porteira do curral. (José Veiga)

Quanto aos tipos de predicado há três : nominal, verbal e verbo-nominal.

- Predicado nominal – seu núcleo significativo é um nome. (substantivo, adjetivo, pronome), ligado ao sujeito por um verbo de ligação. (p. 229)

(74) As moças eram encantadoras.

(75) A Terra é um planeta.

- O núcleo do predicado nominal chama-se predicativo do sujeito, porque atribui ao sujeito uma qualidade ou característica. Os verbos de ligação (ser, estar, parecer, etc.) funcionam como um elo entre o sujeito e o predicado.

- Predicado verbal – seu núcleo é um verbo, seguido, ou não, de complemento(s) ou termos acessórios. Pode ter uma das seguintes estruturas básicas: (p. 299-300)

a) Os pessegueiros florescem.

b) A família chamou o médico.

c) O pintor ofereceu o quadro a um amigo.

- Predicado verbo-nominal – tem dois núcleos significativos: um verbo e um nome. (p. 300)

(76) O soldado voltou ferido. [O soldado voltou e estava ferido.]

(77) O réu deixou a sala abatido. [O réu deixou a sala e estava abatido.]

(78) Eu assisti à cena revoltado. [Eu assisti à cena e estava revoltado.]

O verbo é indispensável para a formação do predicado, sendo, quase sempre, o elemento essencial da declaração.

CAPÍTULO 2

Identificando incoerências e contradições nas definições do sujeito.

Neste capítulo ainda se tratará da questão sujeito, agora pelo ponto de vista de Mario Perini que propõe uma abordagem descritiva da língua portuguesa e o texto, os objetos deste capítulo, serão: *Para uma nova gramática do português* (2001) e *Sofrendo a gramática* (2000).

Após análise dos gramáticos citados no capítulo anterior, notou-se que a definição de sujeito e predicado é comum por parte de alguns sendo a seguinte: “sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração”. (Cunha, 1975 p.137).

Perini comenta em seu livro *Sofrendo a gramática* que esta definição diz com clareza o que é um sujeito. Mas a própria gramática não respeita a definição. Em outras passagens, os autores chamam de “sujeito” outra coisa, que não é aquilo que foi definido com esse nome.

Algumas vezes o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento. Neste caso diz-se que o sujeito é indeterminado.

Mas qual é a relação do sujeito com quem pratica a ação? O sujeito não é o ser sobre o qual se faz uma declaração? Deveria haver sujeito indeterminado quando não se sabe, ou não se quer dizer, sobre quem se faz a declaração.

Mas Perini relata que nesse instante o autor da gramática passa para outra concepção de sujeito sem qualquer aviso prévio: Sujeito seria o elemento que pratica a ação.

Na gramática de Celso Cunha e Lindley Cintra há a seguinte frase na página 122:

(79) Quem disse isso?

O pronome **quem** vem marcado como sujeito. Mas qual é a declaração que se faz sobre o **quem**? Essa frase, que é uma pergunta, não contém uma declaração. Logo, segundo a definição dada, não deveria ter sujeito, pois nela não se faz declaração sobre coisa alguma. Novamente, o autor desrespeita a definição que ele mesmo deu.

E na página 126 se encontra esta frase:

(80) Na sala havia ainda três quadros do pintor.

Essa frase é dada como sem sujeito. Não há dúvida de que essa frase contém uma declaração; mas será uma declaração sobre nada. (já que não há sujeito)?

Será possível fazer uma declaração sobre nada? Para Mario Perini, essa frase faz uma declaração sobre a sala e também sobre os três quadros. Mas, se não tem sujeito, será que há outros termos da oração que são também aqueles “sobre os quais se faz uma declaração”?

A esta altura, o estudante que pretende, com toda seriedade, utilizar a gramática para aprender alguma coisa sobre a estrutura da língua já deve estar desanimado. Afinal, o que é realmente o sujeito? Não é possível que a definição varie de frase para frase: mas essa é a impressão que se tem. A gramática apresenta uma definição a ser aprendida, mas não podemos respeitar essa definição se quisermos explicar por que o sujeito de “Quem disse isso?” é **quem**, ou por que a frase “na sala havia ainda três quadros do pintor” não há sujeito.

O problema é que as gramáticas, aqui, como em muitíssimos outros pontos, apresentam definições que já se consolidam como verdades e, por isso,

inquestionáveis, e como aprender uma disciplina que nos traz dúvidas tão profundas. Por isso, muitos não gostam e não tem segurança nessa matéria.

Para Perini, há pouca consistência na gramática tradicional, pois a noção de sujeito proposta pelos gramáticos não é válida para todas as análises. Outra incoerência que está presente em alguns gramáticos é referente ao sujeito indeterminado.

Em certos casos, o verbo não se refere a uma pessoa determinada, ou por se desconhecer quem executa a ação, ou por não haver interesse no seu conhecimento diz-se, então, que o sujeito é indeterminado. (Cunha, 1975:141).

Se existe sujeito indeterminado, ele deveria ocorrer nos casos em que se desconhece o ser sobre o qual se faz a declaração; afinal, a definição de sujeito só menciona essa característica dos sujeitos. No entanto a afirmação anterior está formulada como se o sujeito tivesse sido definido em termo de quem pratica a ação.

A gramática parece estar incompleta, não há uma relação mencionada pela gramática entre o sujeito e o ser que pratica a ação.

Sacconi questiona a definição de que sujeito: “e o ser de quem se declara algo”. Ela é um tanto quanto falha, porque não leva em consideração as orações interrogativas, imperativas e optativas, além de existirem sujeitos que não são seres, mas estados, qualidades, fatos ou fenômenos.

Este autor parece ser incoerente, pois afirma que para encontrar o sujeito de uma oração, nos casos gerais faz-se a pergunta “**o que?**” antes do verbo. Porém ele faz uma observação logo abaixo da afirmação: Muitos autores ensinam que se pergunta **o que?** quando o sujeito representa coisa e “**quem?**” quando pessoa. Ora,

se ao fazer a pergunta ainda não se sabe qual é o sujeito, como escolher entre um e outro pronome?

Sacconi diz ainda que o termo sujeito oculto foi abolido pela Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), pois oculto significa que está escondido. No exemplo (2) “Nós estamos muito felizes” o sujeito não está escondido, já que a própria desinência verbal o deixa claro: (nós) estamos. O morfema – mos corresponde sempre à primeira pessoa do plural. Em vez de sujeito oculto, diz-se com maior propriedade sujeito desinencial ou então sujeito implícito na desinência verbal.

Dos gramáticos selecionados para esta pesquisa apenas Celso Cunha e Lindley Cintra e Faraco e Moura utilizam o termo sujeito oculto.

A respeito de sujeito indeterminado Sacconi diz que o sujeito indeterminado não existe como elemento na oração; se o sujeito é representado por um pronome indefinido, não será indeterminado, mas simples, porquanto nesse caso o sujeito existe como elemento, embora não lhe conheçamos a identidade. (p.334)

(81) Alguém mexeu na minha bolsa.

(82) Ninguém saiu de casa.

O problema da identidade do agente pertence muito mais ao terreno da lógica que da sintaxe. Caso contrário, teríamos de ver como indeterminado o sujeito desta oração:

(83) Um mascarado roubou o banco.

Celso Pedro Luft faz uma ressalva em relação aos pronomes indefinidos e diz ser má doutrina gramatical dar aos pronomes indefinidos como sujeitos

indeterminados. Por exemplo: Alguém bateu à porta. Nesse caso, o sujeito sintaticamente “determinado” é alguém. Sujeito indeterminado é aquele que, logicamente existente, não existe na frase (sem ser oculto ou elipse). Enfim, não se deve confundir “sujeito indeterminado” com “pronome indefinido”.

Faraco e Moura em sua gramática mostram que alguns gramáticos consideram como indeterminado o sujeito representado por pronome substantivo indefinido: Tudo assustava a pobre criança (tudo – pronome substantivo indefinido).

Na realidade, uma análise semântica poderia considerar tais sujeitos como indeterminados, mas a análise sintática deve considerá-los como sujeito simples, uma vez que aparece claramente na frase palavras com função de sujeito.

Para Luft com relação as orações sem sujeito, o enunciado se concentra no predicado, e este não é atribuível a nem um ser, nenhum agente.

Na gramática de Sacconi, a existência de orações sem sujeito nos leva a concluir que, em rigor, o sujeito não é exatamente um termo essencial da oração, classificação que é adotada por ser a oficial. Sacconi prefere nomear as orações sem sujeito como predicados isolados.

O predicado, este sim, é termo essencial da oração; o sujeito só é termo essencial de oração bimembre (isto é, bipartida em sujeito e predicado); nas orações unimembres (sem sujeito) ou impessoais, não pode ser essencial.

Estes dados nos permitem afirmar que sujeito é uma **palavra** que se relaciona com o verbo e estabelece concordância.

Perini observa que existe uma certa irresponsabilidade teórica na gramática, pois há uma tradição teórica deformada que não reflete na prática gramatical.

Partindo para alguns exemplos como: (p.15)

(84) Carlinhos corre como um louco.

(85) Carlinhos machucou Camilo.

(86) Esse bolo eu não vou comer.

(87) Em Belo Horizonte chove um bocado.

O sujeito de (84) e de (85) é **Carlinhos**; o de (86) é **eu**; e em (87) não **há sujeito**. Essas análises estão de acordo com a prática corrente e, em geral, são de aceitação universal. Mas não estão todas em conformidade com a definição de sujeito.

Há um choque entre a definição e a análise em:

(84) pode-se dizer sem problemas que a oração veicula uma declaração sobre Carlinhos e sobre ninguém mais.

Já em (85) isso não fica assim tão evidente. Será que não há uma declaração sobre Camilo também?

Em (86) como dizer que a afirmação é a cerca de mim e não do bolo?

E (87) que é uma declaração sem sujeito (segundo a definição) não deveria estar declarando nada sobre coisa alguma.

No entanto (87) exprime claramente uma declaração sobre a cidade de Belo Horizonte.

Percebe-se então uma contradição entre a definição explícita de sujeito e a prática de identificação de sujeitos. Essas contradições são, por vezes, toleradas ou mesmo ignoradas, por aqueles que trabalham com a Gramática Tradicional (GT).

Para Perini em verdade existe uma dualidade de doutrinas gramaticais dentro da própria gramática tradicional. Uma dessas doutrinas está expressa, mais ou menos, nas gramáticas usuais, sendo chamada por Perini de Doutrina Gramatical Explícita ou (DGEx).

Esta inclui definições como a de conceituar o sujeito como o termo sobre o qual se faz uma declaração.

Porém os mesmos gramáticos que propõem estas definições não a seguem na prática. Como, por exemplo, ao analisar uma oração com o verbo chover diz-se que a oração não possui sujeito, mesmo sabendo que há uma declaração sobre alguma coisa.

(88) Em São Paulo chove bastante.

Tendo em vista a necessidade de uma definição mais precisa de sujeito Perini propõe uma definição aproximada do que deveria ser.

“Sujeito é o termo com o qual o verbo concorda”. Sendo assim pode-se afirmar que:

Em (87) não há sujeito pois o verbo não concorda com nenhum dos termos da oração.

Perini entende, então, que a prática dos estudos gramaticais revela a existência de duas doutrinas, a DGEx (Doutrina Gramatical Explícita), que é “oficialmente reconhecida” e é explicitada nas gramáticas, e a DGImp (Doutrina

Gramatical Implícita), nunca explicitada, mais que realmente subjazem à análise realizada.

“(...) o gramático treinado sabe se uma palavra dada é um adjetivo ou um verbo não por se referir a tais definições, mas praticamente da mesma maneira pela qual todos nós vemos um animal sabemos se é uma vaca ou um gato”. , (JESPERSEN, 1924, p. 62.)

Evanildo Bechara em sua *Gramática escolar*, (2001) ao explicar sujeito e predicado e seus tipos, não se limita a deixar definições para serem seguidas mas deixa também algumas estratégias para a identificação do sujeito:

1. O sujeito pode ser substituído pelos pronomes sujeitos ele, ela, eles, elas, que marcam o gênero e o número do substantivo sujeito.

(89) O caçador feriu o leão.

(90) Eles estão na floresta.

2. A concordância em número e pessoa entre o sujeito e o verbo é a principal característica do sujeito.

(91) Eu fiz o exercício.

(92) Nós fizemos o exercício.

3. O sujeito responde as perguntas quem (se for pessoa) e que ou o que (se for coisa) feitas antes do verbo.

Quem feriu o leão? - O caçador. (sujeito)

Que (ou o que) está na estante? - O livro. (sujeito)

Porém essas estratégias também são falhas para este aprendizado sintático. Estas incoerências e contradições justificam a difícil tarefa de se ensinar e estudar a língua portuguesa seguindo as gramáticas tradicionais. Tanto para alunos como

para professores é um grande sofrimento. Há um sentimento de frustração, inutilidade e ódio que alguns exprimem.

CAPÍTULO 3

Analisando a aplicabilidade das definições de sujeito em sentenças da língua portuguesa.

Para se compreender os elementos sintáticos, sujeito e predicado, é necessário questionar o que é uma definição, pois estes elementos sintáticos deverão ser entendidos por meio das definições gramaticais, portanto, deve-se fazer a seguinte pergunta: para que serve uma definição?

A formulação de uma definição só se justifica se ela possibilita a identificação de uma entidade gramatical. É inútil uma definição que só possa ser aplicada corretamente por quem já saiba o resultado de antemão.

Assim, uma boa definição de sujeito deve possibilitar a identificação do sujeito de uma oração por alguém que não saiba qual é o sujeito, ou mesmo o que é um sujeito – simplesmente aplicando a definição. Para que uma definição atinja tais objetivos, é necessário que ela tenha (pelo menos) as qualidades seguintes:

- (a)** ser explícita: isto é, fornecer todos os elementos necessários à sua aplicação;
- (b)** ser adequada ao usuário em perspectiva: isto é, utilizar noções e termos que o usuário já conheça.
- (c)** ser adequada à realidade lingüística: isto é, descrever fatos reais da língua, e não fantasias ou opiniões pessoais a respeito dela.

Partindo dessa afirmação foi realizada uma pesquisa de campo com alunos do ensino fundamental e médio. Eles foram submetidos a um questionário composto por oito (8) questões objetivas. Os 35 alunos da 7ª série do ensino fundamental e os 29 alunos da 2ª série do ensino médio tiveram de encontrar e classificar o sujeito nas orações.

QUESTIONÁRIO

Com base na seguinte afirmação “Sujeito é aquele que pratica a ação” dada por vários gramáticos marque com um **X** a alternativa correta e **sublinhe o sujeito** das questões abaixo:

<p>1 – Mateus saltou como verdadeiro atleta.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>	<p>2 – Ana Cláudia machucou sua amiga Marta.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>
<p>3 – Desse bolo eu não vou comer.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>	<p>4 – Em São Paulo chove bastante.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>
<p>5 – Devagar se vai ao longe.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>	<p>6 – Alguém bateu a porta.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>
<p>7 - Marília foi perseguida por um são Bernardo.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>	<p>8 – Não se progride sem esforço.</p> <p>a.() sujeito simples b.() sujeito indeterminado c.() sujeito composto d.() oração sem sujeito e.() sujeito oculto f.() nenhuma das alternativas</p>

A análise que está de acordo com a prática corrente para a localização do sujeito é a seguinte:

Questão 1, o sujeito é **Mateus**. A definição de que “sujeito é aquele que pratica a ação” e de que “sujeito é o termo sobre o qual se faz uma declaração” é bastante viável e incontestável;

Questão 2, o sujeito é **Ana Cláudia** mas não é tão evidente quanto a questão anterior pois alguns alunos consideraram que o sujeito tanto poderia ser Ana Cláudia como Marta. Há uma declaração a respeito de Marta na oração;

Questão 3, o sujeito é **eu** mas defender a tese de que há uma afirmação acerca de mim, e não acerca do bolo é bastante desconexa;

Questão 4, é uma **oração sem sujeito** por isso não deveria haver nenhuma declaração sobre coisa alguma, no entanto há expresso uma declaração sobre São Paulo;

Questão 5, didaticamente é um caso de **sujeito indeterminado**, em que o verbo está na 3ª pessoa do singular acompanhado do pronome se. Porém há frases em que a construção com o pronome **se** é sem dúvida um caso de oração sem sujeito como as orações com **tratar-se de**. Para alguns autores, como Mattoso Câmara Jr. trata-se de um caso de oração sem sujeito, sendo o se pronome apassivador. Estes autores raciocinam que, quando se diz “Devagar se vai ao longe.”, não se cogita, em princípio, de que “**alguém** vai ao longe”, mas que “é possível ir ao longe”, impessoalmente; e que na Questão 8 “Não se progride sem esforço.” equivale a “Não há progresso sem esforço.” antes que “A gente progride sem esforço.”. (Kury, 2000, p.22);

Questão 6, segundo explica Kury, “... ao dizermos ”**Alguém** bateu à porta”, o sujeito **alguém** é **determinado**, embora indefinido, apesar de “nada esclarecer

quanto à identidade do agente” – tão determinado e indefinido como o substantivo desconhecido nesta oração: “Um desconhecido bateu à porta.”;

Questão 7 Kury diz que voz passiva analítica é a forma composta, com auxiliar, que o verbo transitivo direto assume para exprimir que o seu sujeito é paciente, isto é, recebe ou sofre a ação. Em **Marília** foi perseguida por um São Bernardo (Perini, p.19) há um sujeito paciente que é **Marília**, mesmo que ela não pratique nenhuma ação.

Questão 8, a maioria dos autores relaciona este caso como sujeito indeterminado. Em que o verbo está na 3.^a pessoa do singular, acompanhado do pronome **se**.

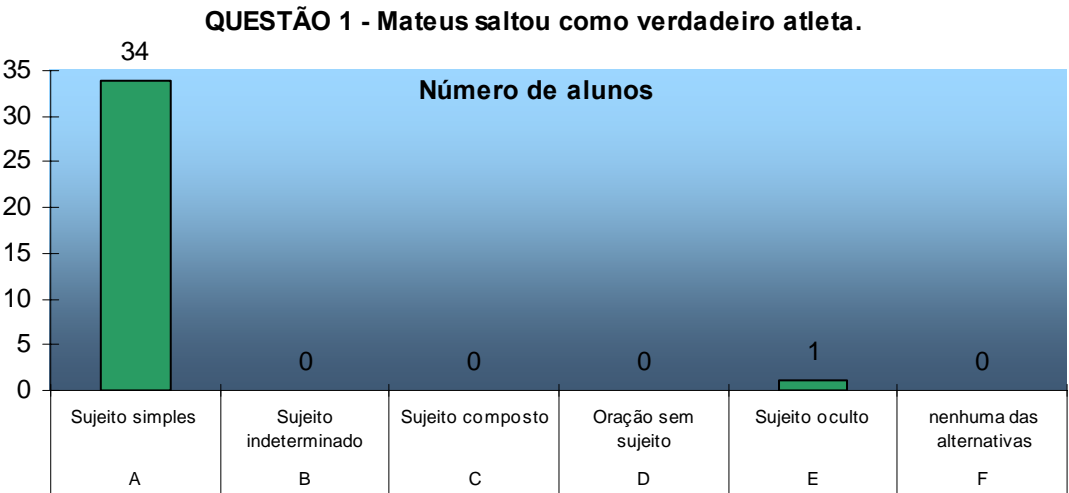
Os dados da pesquisa mostram que os alunos do ensino fundamental e médio encontram maiores dificuldades para reconhecer o sujeito indeterminado, sujeito paciente e a oração sem sujeito.

É interessante notar que, o conhecimento do ensino fundamental e médio em relação a aplicabilidade do sujeito é bastante similar. Pois apenas na questão 6 houve resposta diferente.

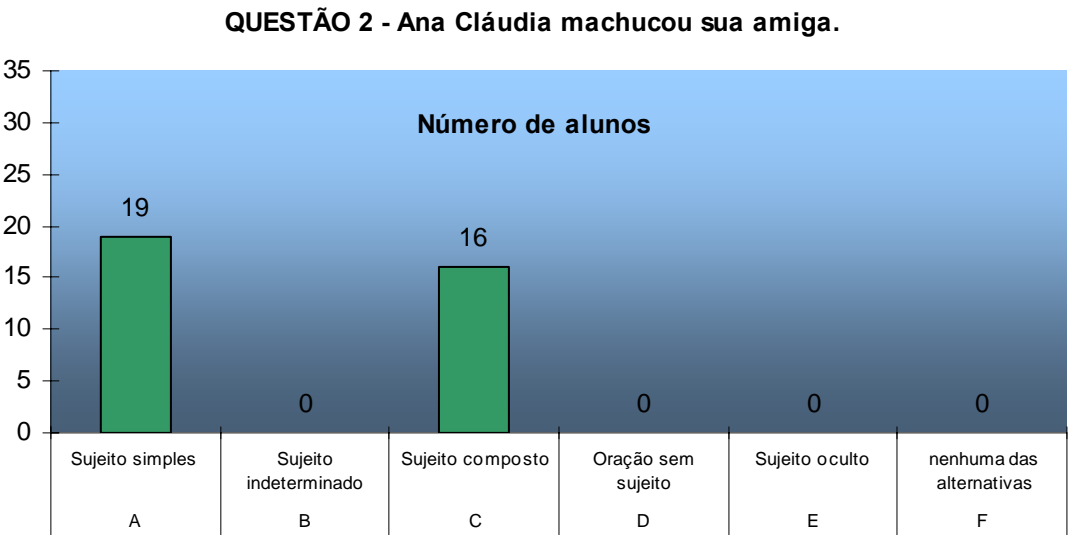
Entre as 8 questões apresentadas, os alunos da 7.^a série erraram 5 e acertaram 3. Já os alunos da 2.^a série do ensino médio, erraram 3 e acertaram 5. A seguir os resultados estão apresentados em gráficos.

GRÁFICOS DA PESQUISA

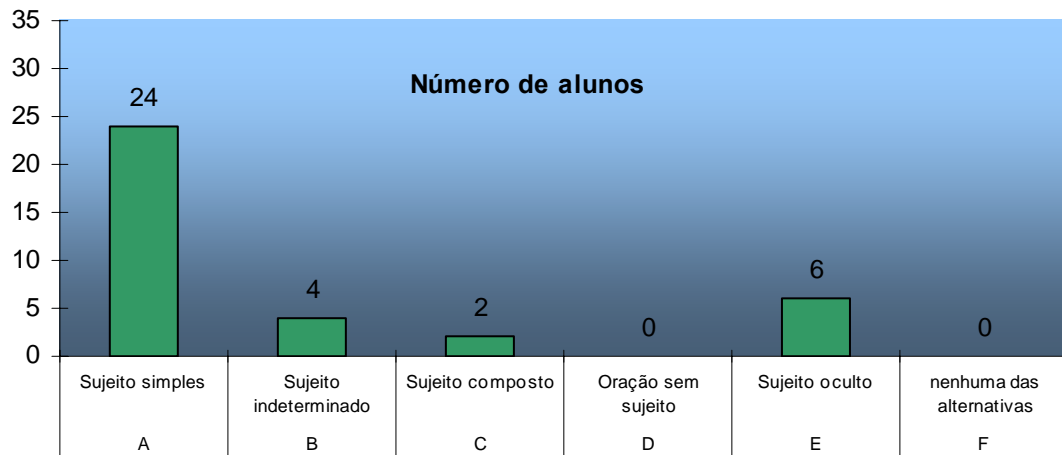
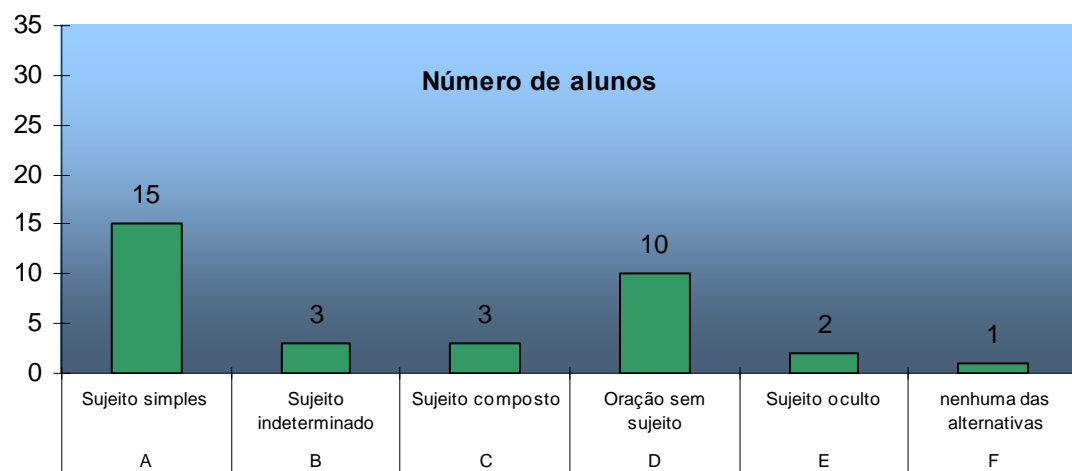
◇ Ensino fundamental

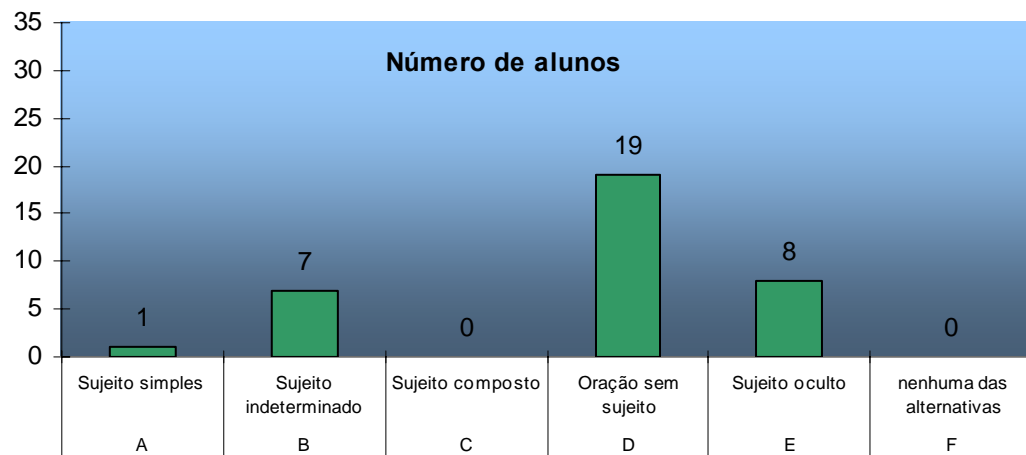
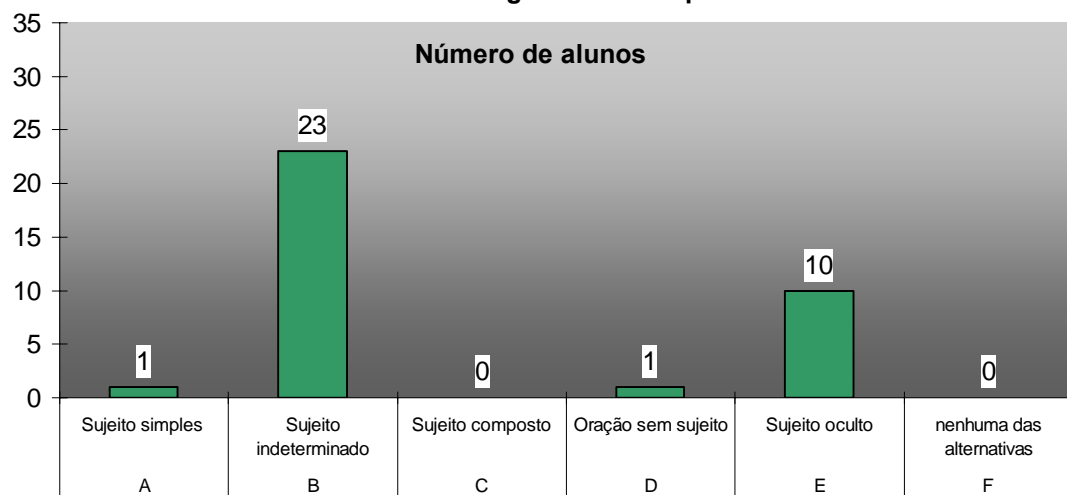


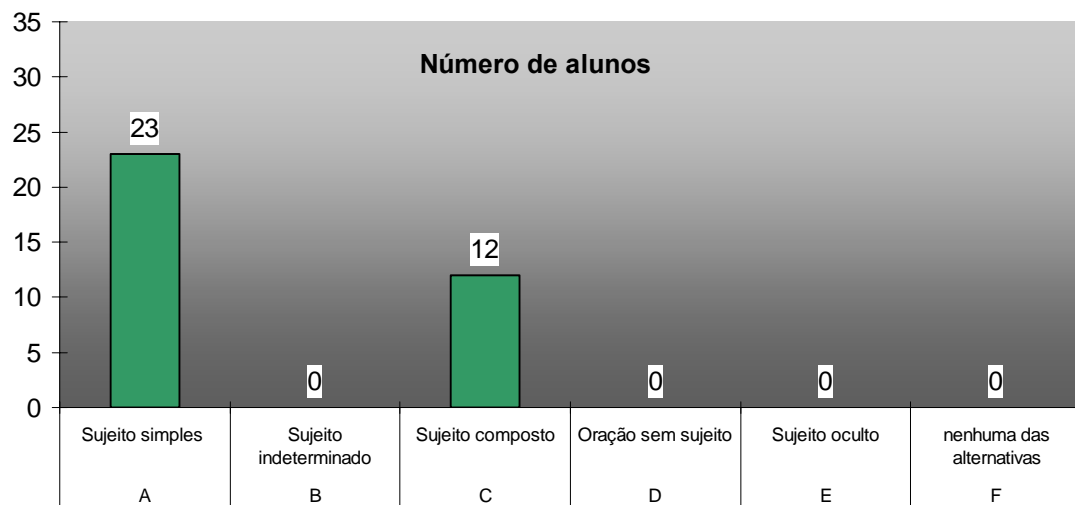
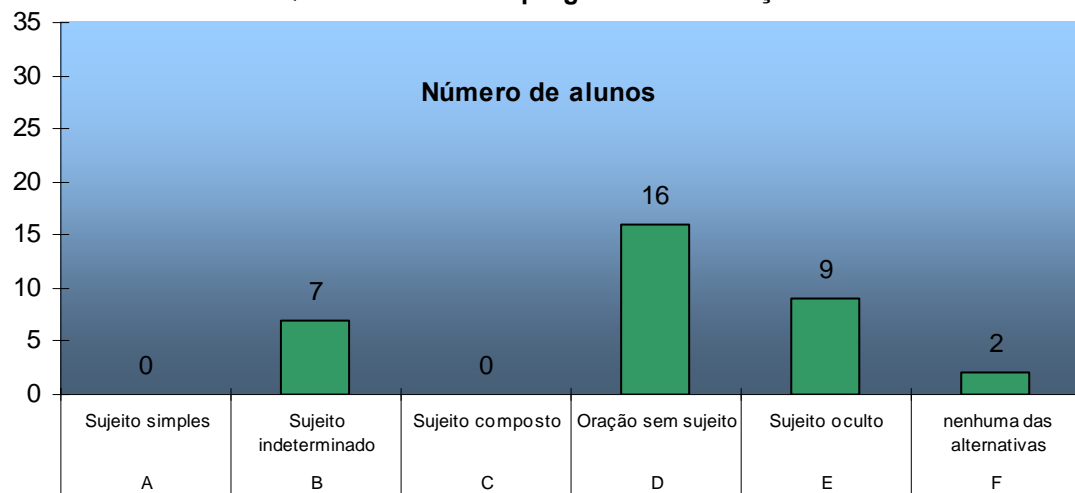
Alternativas



Alternativas

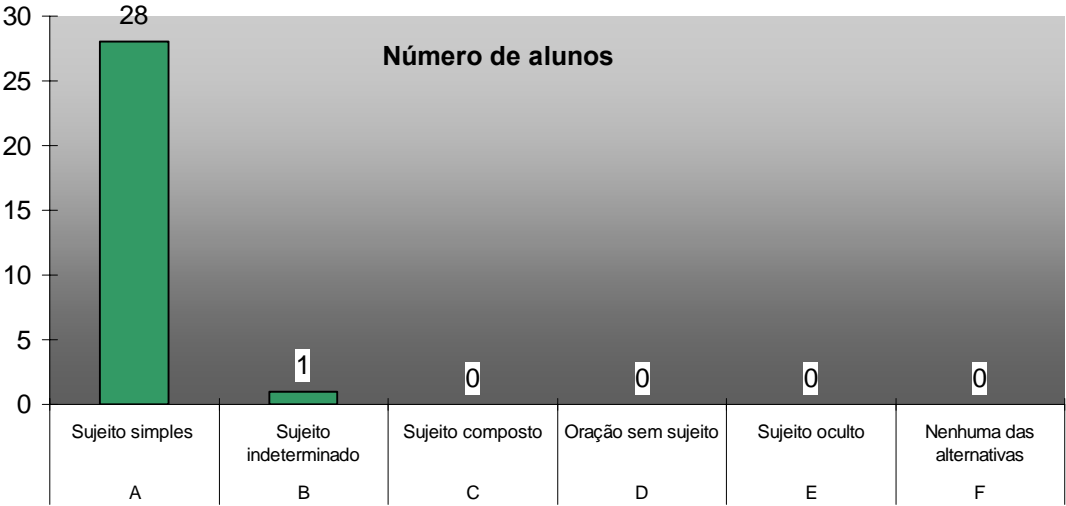
QUESTÃO 3 - Desse bolo eu não vou comer.**Alternativas****QUESTÃO 4 - Em São Paulo chove bastante.****Alternativas**

QUESTÃO 5 - Devagar se vai ao longe.**Alternativas****QUESTÃO 6 - Alguém bateu a porta.****Alternativas**

QUESTÃO 7 - Marília foi perseguida por um São Bernardo.**Alternativas****Questão 8 - Não se progrida sem esforço.****Alternativas**

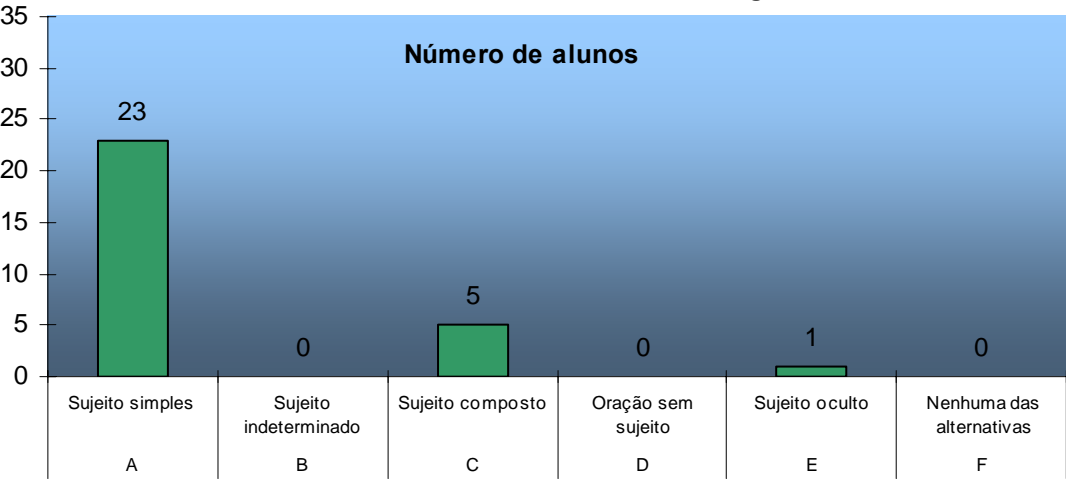
◇ Ensino médio

QUESTÃO 1 Mateus saltou como um verdadeiro atleta.

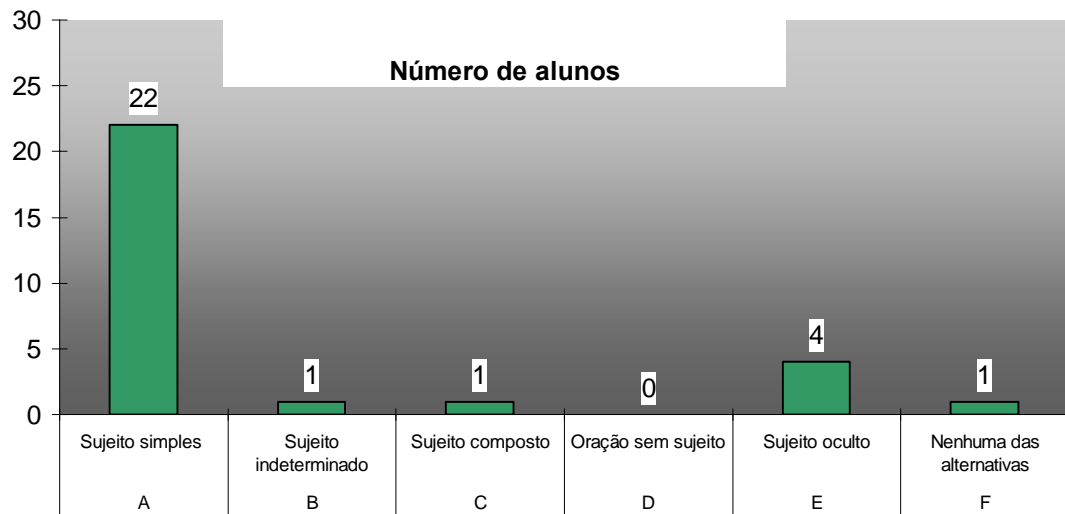
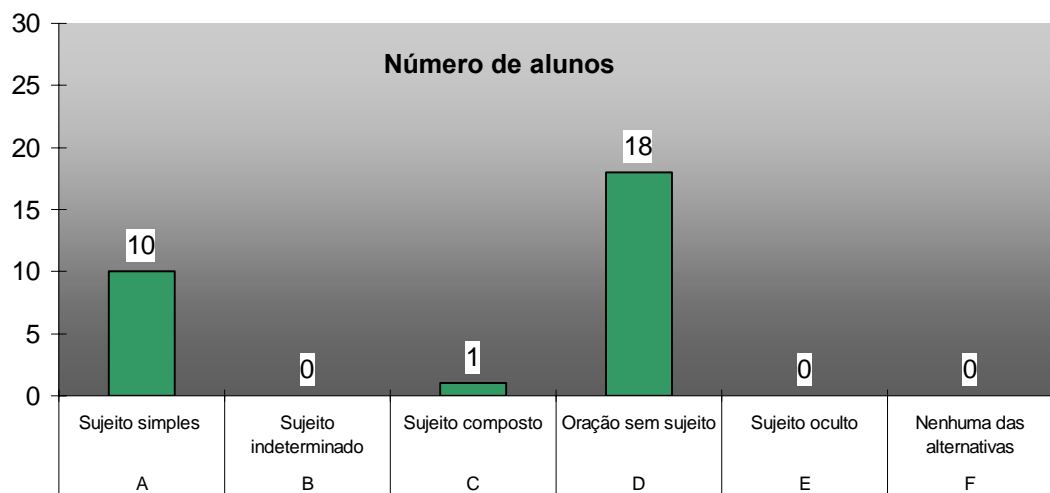


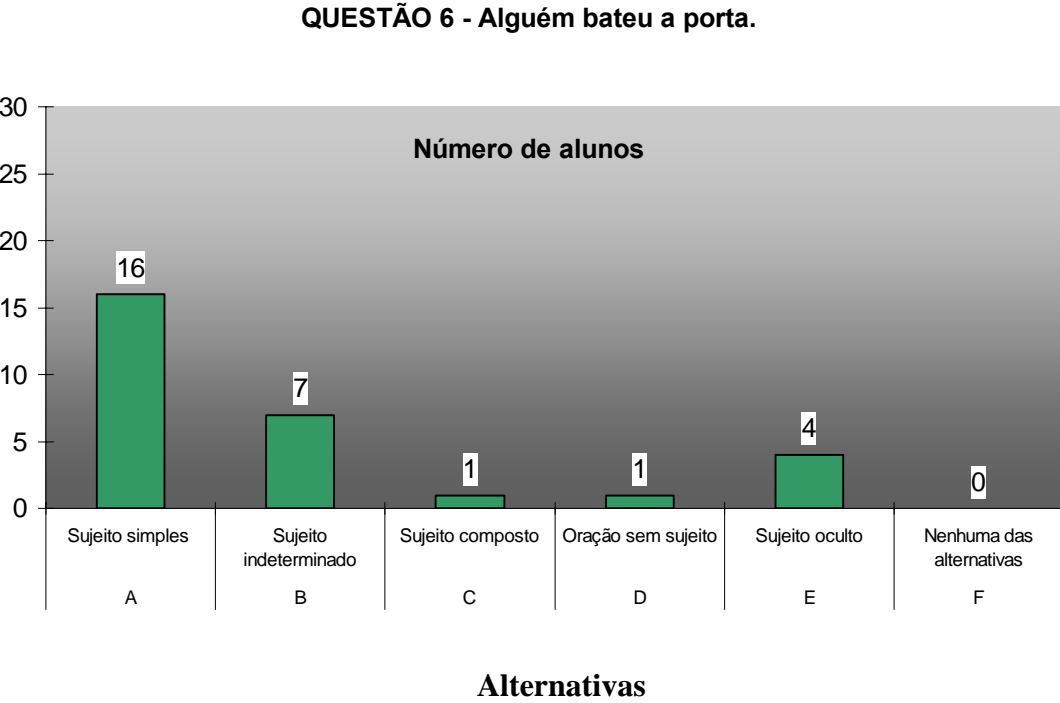
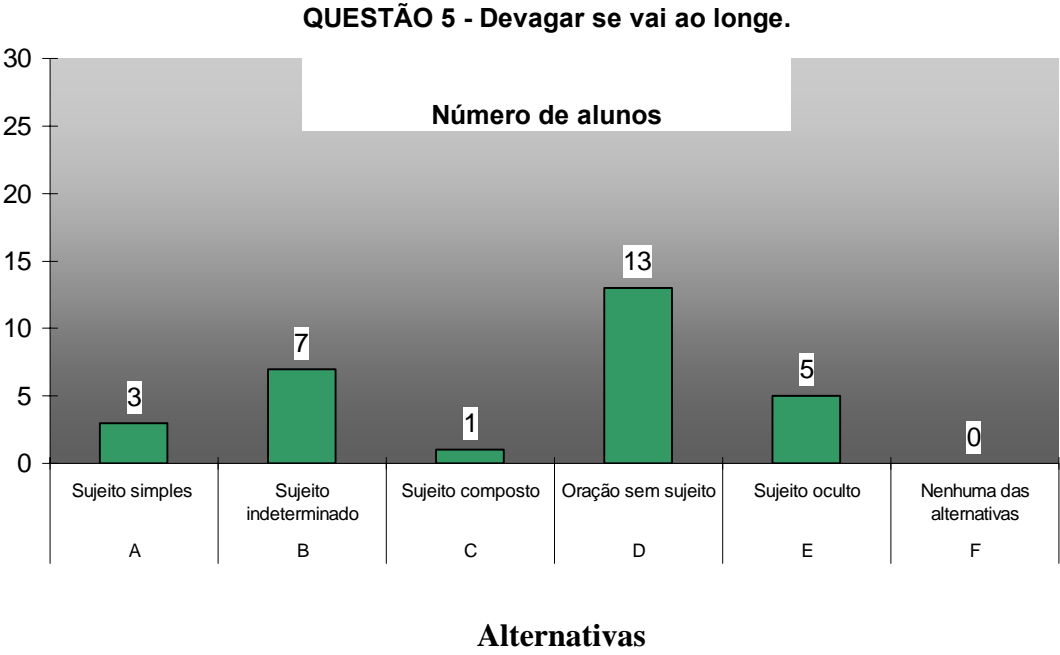
Alternativas

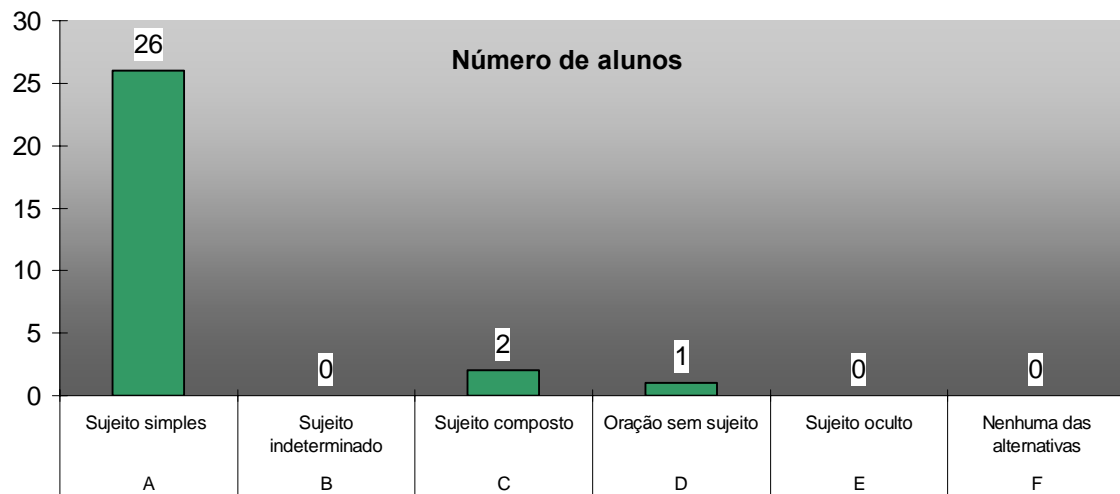
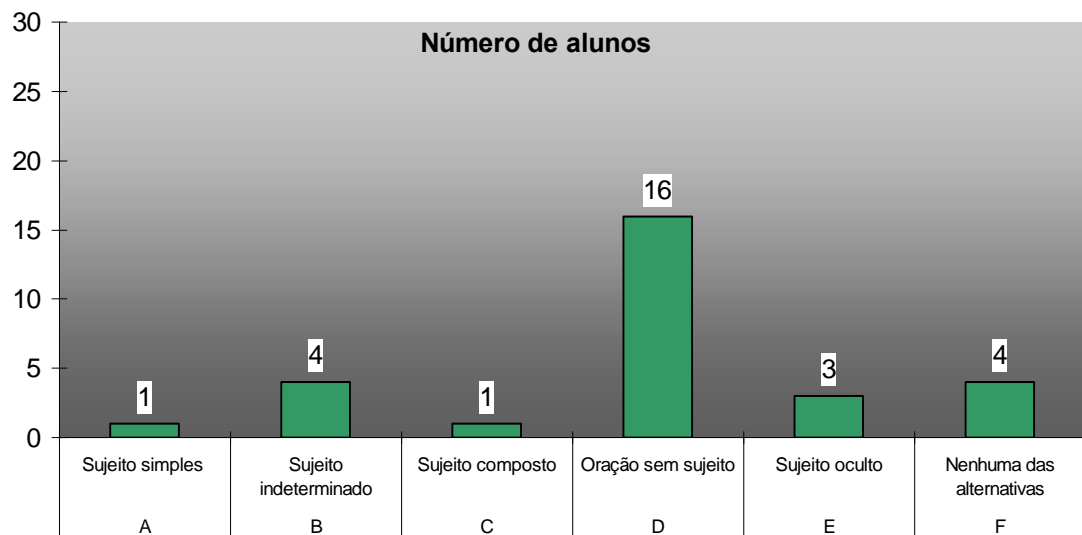
QUESTÃO 2 - Ana Cláudia machucou sua amiga Marta.



Alternativas

QUESTÃO 3 - Desse bolo eu não vou comer.**Alternativas****QUESTÃO 4 - Em São Paulo chove bastante.****Alternativas**



QUESTÃO 7 - Marília foi perseguida por um são Bernardo.**Alternativas****QUESTÃO 8 - Não se progride sem esforço.****Alternativas**

O resultado da pesquisa, revelou que a definição de sujeito dada pelos gramáticos não está completa; em verdade, a definição nunca será completada, de maneira a proporcionar um caminho de fuga a contra-exemplos embaraçosos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As conseqüências da exposição dos alunos a situações de embaraço não podem ser favoráveis nem à sua formação intelectual nem ao seu respeito pela matéria.

Aquilo que desejam os professores é uma boa gramática da língua, não uma explicitação da DGImp. – que, embora quase sempre mais correta do que a DGEx. Está longe de refletir uma análise coerente da estrutura da língua.

Mas essa explicitação da DGImp. pode ter valor educativo, porque nos põe em guarda contra situações como a atual: a convivência pacífica com contradições gritantes.

Uma formação gramatical intelectualmente sadia só pode ser atingida pelo exame racional e rigoroso do fenômeno da linguagem e da estrutura da língua, nunca através de princípios desconexos e, o que é pior, ministrados dentro de um esquema de autoridade.

Isso pressupõe a existência de uma teoria gramatical que possa dirigir o esforço de análise e compreensão do funcionamento da língua. E antes de ser possível trabalhar com essa teoria, será preciso desenvolver (nos alunos e professores) a atitude intelectual conveniente:

Exigir-se um nível de rigor e coerência do qual os estudos gramaticais tradicionais estão muito longe; e colocar-se diante do objeto de estudo não como meros receptores de conhecimentos já produzidos, mas como críticos e criadores de conhecimento novo. Nenhuma mudança no conteúdo conceitual da disciplina terá utilidade sem essa mudança de atitude.

A tentativa de explicitação das desarmonias entre DGEx. e DGImp., assim como os outros aspectos da crítica à gramática tradicional é um caminho para a criação de um tipo de atitude que permitirá à nossa disciplina ser realmente útil na formação intelectual dos estudantes. Faz-se necessário também a elaboração de gramáticas mais adequadas e mais coerentes para os alunos e professores do ensino fundamental e médio.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo *Gramática escolar da língua portuguesa: para o ensino médio e cursos preparatórios* Rio de Janeiro: Lucena, 2001

CEGALLA, Domingos Paschoal *Novíssima gramática da língua portuguesa* 39.ed. Rio de Janeiro: Nacional, 1984

CUNHA, Celso; CINTRA, José F. Lindley *Nova gramática do português contemporâneo* 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto *Gramática* 19.ed. São Paulo: Ática, 1999

KURY, Adriano da Gama *Novas lições de análise sintática* 9.ed. São Paulo: Ática, 2000.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha *Gramática normativa da língua portuguesa*. 43.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

LUFT, Pedro Celso *Gramática resumida: explicação da nomenclatura gramatical brasileira* 10.ed. São Paulo: Globo, 1989.

MACAMBIRA, José Rebouças *A estrutura morfo-sintática do português* 8.ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa* 2.ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PERINI, Mário *Gramática descritiva do português* 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____, *Para uma nova gramática do português* 10.ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____, *Sofrendo a gramática* 3.ed. São Paulo: Ática, 2000.

SACCONI, Luiz Antônio *Nossa gramática: teoria e prática* 25.ed. São Paulo: Atual, 1999.